

OS COMPOSITORES

24/08/1997

Manuscrito Consuelo Lelis

Incompleto.

Após a terceira sinfonia parece sobrevir um período de reflexão, como se Beethoven quisesse recolher energias para uma extrema afirmação de vontade e de revolta contra as adversidades, noutras termos é como se fosse esse uma espécie de purgatório entre o trágico humano do inferno representado pelas obras anteriores e a linguagem decantada do paraíso, purificado no conteúdo e na fraseologia, não mais humano, mas divino.

Pense no purgatório com que Dante define os espíritos purgantes: "Color che son contente nel fuoco, perche spera di salire, quando che sia alle beate gente".

Na verdade, se há uma comparação possível de natureza literária com relação ao percurso criativo de Beethoven, penso que esta só possa ser a Divina Comédia, que parte também do drama humano para subir à suprema contemplação do bem.

Como veremos mais tarde, a própria língua se transforma progressivamente em Dante e em Beethoven, chegando a uma decantação total quase abstrata.

Pertencem a esse período a quarta sinfonia, o concerto de violino e o quarto concerto de piano, além de algumas sonatas.

A 4ª Sinfonia é verdadeiramente uma espécie de repouso numa zona tranquila, mais natureza do que intensidade humana.

Vamos ouvir dela o 1º movimento, em que aflora às vezes uma instintiva tendência de Beethoven para a serena alegria da dança.

Música: 4ª Sinfonia, 1º movimento, Filarmônica de Berlim, Karajan.

O concerto para violino em ré maior é o único que Beethoven escreveu; a escrita

instrumental do violino já progride notavelmente com relação ao violinismo mozartiano: não demorará muito a aparecer um Paganini extraindo a síntese de todo o violinismo italiano que já com Locatelli havia alcançado as raias da virtuosidade.

Desse concerto vamos ouvir o lírico e sensível 2º movimento e o 3º movimento, cuja natureza alterna o quase popular e dançante da primeira ideia com o frescor de canção da segunda.

Música: Concerto para violino opus 61 SWF, Orquestra Hans Rosbaud, solo Ginette Neveu.

Vamos escutar finalmente o maravilhoso 2º movimento do concerto nº 4 para piano. Observe-se o curto diálogo entre piano e orquestra em que os dois, longe de entrarem em conflito dialético, parecem quase se integrar na fluência de um discurso unitário.

Música - Concerto para piano nº 4, 2º movimento, solista Maurizio Pollini, Orquestra Scarlatti, regência F. M. Pradelli.

Recuperadas quase as energias para uma final afirmação de luta e de vitória, Beethoven chega àquela obra que mais o tornou conhecido e que mais define os traços fundamentais da sua personalidade: a 5ª Sinfonia.

Muita literatura frequentemente inútil gastou-se para esta obra:

falou-se nas batidas do destino à soleira da consciência, mas creio que o destino não seja tão banal e se divirta a bater três colcheias e uma semínima.

Mais importante parece-me o fato de que a unidade temática dessa obra é de uma lógica verdadeiramente kantiana e de uma força quase vulcânica.

Além do que essa obra designa exatamente a diferença entre a imaginação e a fantasia criativa, isto é, entre a faísca motora e a elaboração da qual foi capaz o grande artista.

Imagino que num de seus costumeiros passeios Beethoven tenha sido atraído por um ruído de natureza ou algo parecido e tenha imaginado ao mesmo tempo um intervalo musical de terça maior, coisa que todos nós poderíamos fazer.

Mas nós não escrevemos a Quinta Sinfonia.

Note-se como essa célula volta no último movimento, sem o intervalo de terça e elaborada numa progressão finalmente vitoriosa, quase com aspecto de marcha.

O primeiro movimento é de uma intensidade dramática quase brutal; no meio do desenvolvimento essa intensidade faz com que numa violenta sequência de acordes Beethoven enxerte um membro de frase com um número ímpar de compassos na sequência normal dos membros de número par.

E pensar que alguém, e bastante ilustre, acusou Beethoven de ter errado a conta e se propôs a corrigir.

O segundo movimento parece um parêntesis de reflexão em tanto drama.

O terceiro movimento, Scherzo, parece perpassado de repentinos relâmpagos ferindo o céu.

Finalmente o último movimento soa como uma marcha vitoriosa ou como a definitiva conquista de uma verdade, tanto assim que a obra se conclui com cinco páginas de partitura elaboradas sobre a afirmação luminosa do acorde de do maior.

Não é a divina prolixidade germânica que Wagner exalta mas a consciência de um objetivo alcançado a ser desvendado a todos os homens.

Vamos ouvir a 5ª Sinfonia em do menor na sua integridade.

Música : 5ª Sinfonia em do menor, Filarmônica de Berlim, Karajan.

O mesmo arrebatamento o encontramos na conhecida Overture para o Coriolano. Trata-se da peça introdutiva para a homônima tragédia.....